

## PAISAGENS DO MEDO

TUAN, Yi-Fu. *Paisagens do medo*. Trad. Livia de Oliveira. São Paulo: Ed. UNESP, 2005.

Maria Lucia de Amorim Soares

*Profa. do Programa de Mestrado em Educação da Uniso*  
*E-mail: maria.soares@uniso.br*

**É** sobre uma mensagem cidadã que se baseia o livro *Paisagens do Medo*, cujo autor, o geógrafo Yi-Fu Tuan, estudando os medos no passado e no presente, seus significados e suas diversas faces, faz uma reflexão sobre um tema que interpela o ser humano. Explora o medo na criança, o medo na sociedade medieval, o medo de doença, o medo da natureza, o medo no campo, o medo nas cidades, com uma argumentação robusta e amparada em farta bibliografia. Desvenda um mundo em que as mudanças implicam num caráter transitório de tudo que envolve as pessoas contribuindo para um contínuo sentimento de ansiedade.

Diz o autor que os medos são experimentados por indivíduos (e por animais) e, nesse sentido, são subjetivos; alguns, no entanto são produzidos por um meio ambiente ameaçador, outros não. Certos tipos de medo perseguem as crianças, outros aparecem apenas na adolescência e na maturidade. Alguns medos oprimem povos “primitivos” que vivem em ambientes hostis, outros aparecem nas complexas sociedades tecnológicas que dispõem de amplos poderes sobre a natureza. Nesse percurso, o tema *Paisagens do Medo* é um tópico digno de ser explorado por si mesmo e pelos esclarecimentos que possam trazer sobre questões de interesse permanente como: que significa ser gente? Como é viver neste mundo?

Medo para Tuan é um sentimento complexo, no qual se distinguem dois componentes: sinal de alarme e ansiedade. O sinal de alarme é detonado por um evento inesperado e impeditivo no meio ambiente, cuja resposta instintiva é enfrentar ou fugir. A ansiedade, por outro lado, é uma sensação difusa de medo e pressupõe uma habilidade de antecipação, comumente acontecendo quando se está num ambiente estranho, longe do território sob domínio. A ansiedade é um pressentimento de perigo quando nada existe nas proximidades que justifique o medo, momento no qual a necessidade de agir é refreada pela ausência de qualquer ameaça. Ocorre que a imaginação aumenta imensuravelmente os tipos e a intensidade de medo no mundo dos homens. E conhecer é arriscar-se a sentir mais medo. Quanto menos se sabe, menos se teme.

*Paisagens do medo*, para o autor, são as infinitas manifestações das forças do caos, naturais ou humanas, sendo que de certa forma, toda construção humana- mental ou material - é um componente na paisagem do medo para controlar o caos. Os contos de fadas infantis, as lendas dos adultos, os mitos cosmológicos, os sistemas filosóficos, as casas, os campos de cultivos, as cidades, a cerca no jardim, a proteção do radar são refúgios construídos na tentativa de manter controladas as forças hostis: “as fronteiras estão em todos os lugares porque as ameaças

estão em toda parte - o cachorro do vizinho, as crianças com sapatos enlameados, estranhos, loucos, exércitos estrangeiros, doenças, lobos, ventos, chuva.” (p. 13).

Existem muitos tipos diferentes de paisagens do medo. Entretanto, independente da forma, produzem duas sensações poderosas. Uma é o medo de um colapso iminente de seu mundo e a aproximação da morte. A outra é uma sensação de que a desgraça é personificada, a sensação de que a força hostil possui vontade. Paradoxalmente, é na grande cidade - o símbolo mais visível da racionalidade e triunfo humano sobre a natureza - que permanecem velhos medos. O crescimento urbano desordenado é visto como uma selva, mas a maior ameaça, aquela que se destaca, são as outras pessoas. A malignidade permanece como um atributo humano, não mais atribuído à natureza. Certos bairros são evitados por serem povoados por criminosos e bandos de adolescentes. Essas turbas se movem e destroem, são “insensatas”, apesar de integradas por indivíduos com mentes e juízos, cada um com intenção de produzir o caos.

Para os governantes a multidão é potencialmente perigosa e precisa ser controlada. No passado, as autoridades procuravam subjugar a multidão, encorajando deliberadamente uma atmosfera de medo, utilizando a máquina da lei e da justiça. Os pelourinhos e cadafalsos eram colocados em lugares públicos; as execuções eram dramatizadas e se estabelecia uma paisagem de punição bem visível. Mas é um erro pensar que os seres humanos sempre procuram estabilidade e ordem. Qualquer um que tenha experiência sabe que a ordem é transitória. “Completamente separada dos acidentes cotidianos e do peso das forças externas, sobre as quais uma pessoa tem pouco controle, a própria vida é crescimento e deterioração: é mudança, senão não é vida. Porque a mudança ocorre e é inevitável nos tornarmos ansiosos” (p. 17). A ansiedade nos leva a procurar segurança, ou ao contrário, aventura - ou seja, nos tornamos curiosos.

A escala global e a futuridade são os novos medos. Um parisiense, em 1661, tinha medo porque podia ver os mendigos assediando os portões da cidade, diz Tuan. Hoje, “um parisiense possivelmente sinte-se ansioso porque, na sua imaginação, vê a cidade( isto é, as nações ocidentais desenvolvidas) atacada, em um futuro imprevisível, pelas nações furiosas e famintas do Terceiro Mundo” (p. 345).

Ui-Fu Tuan nasceu em Tienstsin, China, em 1930. Lecionou nas universidades de Indiana, Novo México, Toronto e Minnesota. É professor emérito da Universidade de Wisconsin - Madison. Para ele, estudar o tema medo o fez compreender o crescimento, a coragem e a aventura, justificando de forma plena o mergulho que realizou nos mistérios das paisagens do medo.

Se existe um tema genuinamente atual, ele é, sem dúvida o medo. Os jornais e a televisão trazem exemplos diários de situação amedrontadoras; os ataques do terror, os assassinatos e os assaltos são seu rosto de hoje. Consciente de que estudar as diferentes paisagens do medo pode ajudar a ressignificar a coragem, na tentativa de esclarecer a vida do ser humano na configuração contemporânea, é que torna o livro em questão uma mensagem cidadã.